

C

emanuel

1

dimas

9

O

de

melo

9

R

pimenta

9

publicado em

RISK Arte Oggi

Milão, Itália, 1999

Cor - Entre a Aparência e a Essência

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: COR - ENTRE A APARÊNCIA E A ESSÊNCIA

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 1999

Filosofia, estética

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Lidamos, neste momento, com duas ideias chave. Duas ideias misteriosas. Ideias que nos revelam um dos segredos de tudo o que é linguagem.

Tratamos da cor, mas de uma forma muito especial. Uma abordagem que nos aproxima de Goethe e que nos afasta – num primeiro momento – de Newton e das classificações científicas. Isto porque o nosso encantamento, aqui, opera um universo estético.

Certamente, a grande discussão que temos vivido nos últimos quinhentos anos tem sido o conflito de contrários entre *forma e conteúdo*, entre *figura e fundo*, entre *percepção e conceito*, *coisa concreta e ideia*, *aparência e essência*, *mente e matéria*.

Esse conflito, de aparente diferenças, é uma ilusão de linguagem. Uma ilusão lógica que emergiu a partir da revolução criada por Gutenberg. Se tivermos em atenção a natureza lógica da imprensa de tipos móveis que caracteriza a invenção de Gutenberg, e que uniformiza, de maneira radical, a natureza do alfabeto fonético, compreenderemos com clareza como tal ilusão se revelou um dos fenómenos alucinógenos mais fascinantes da civilização Ocidental.

O alfabeto fonético traduziu o ouvido pelo olho, formalizando o som em unidades discretas. Cada unidade discreta equivale a um som que, pela sua natureza, pertence a um espectro contínuo. Os sons abandonaram, então, na linguagem verbal, qualquer ambiguidade.

Aquilo que nos foi manifestado pela importância do contexto na escrita cuneiforme, não faz mais tanto sentido para o mundo Grego. Gradualmente, cada coisa passa a estar a estar *no seu lugar*. É aqui que surge a diferença entre *morphe* e *eidōs*.

E é nesse universo que Aristóteles viria a sintetizar aquilo a que chamou *essência*. «Quando, referindo-se a um ser humano, se diz que é um homem ou um animal, entende-se a sua *essência* como *substância*» defendia Aristóteles, «mas, quando, referindo-se à cor branca, se diz que é branca, a *essência* é entendida como *qualidade*. Igualmente, se fazemos referência à grandeza de um côvado, afirmando que ela é a grandeza de um côvado, entende-se que a sua *essência* é uma *quantidade*».

Curiosamente, Aristóteles dava a chave para a desconstrução do conflito estabelecido entre *aparência* e *essência* – chave que só seria plenamente utilizada no final do século XIX por Charles Sanders Peirce na sua famosa Teoria Geral dos Signos.

Aristóteles, surpreendentemente, revelava a superação de todo o universo binário Ocidental ao lançar raízes no antigo mundo Sumério. Na sua afirmação, *símbolo*, *qualidade* e *quantidade* parecem se orientar para a ideia de *essência*, que não poderia ser diferente de *percepção*. Sendo um *continuum*, o significado de um signo seria revelado por um outro signo, de natureza diferente, num complexo encadeamento, formando uma magnífica trama dinâmica, interactiva.

Mas, a intensificação do uso do alfabeto fonético trataria de erguer uma barreira entre *percepção* e *essência*. Uma barreira que se projectaria através dos séculos. E o próprio Aristóteles não ficou alheio a tal processo, diferenciando dois tipos de *essência* e declarando: «Aquilo o que é substância o é, mesmo considerando à parte o seu aspecto material». Uma afirmação que influenciaria todo o futuro da questão.

Esse processo, ainda não tão forte no universo clássico, é em certa medida esquecido durante a Idade Média.

Já no final do mundo Romano, os estóicos defendiam que a coisa era conhecida através *dos sinais dela*. Mas, logo, os sinais da coisa passaram a ser entendidos como vias para se alcançar a *essência* da coisa, algo inatingível, ideal divino, luz eterna, unidade divina.

Jesus terá sido simplesmente surpreendente no seu tempo ao afirmar que era, ele mesmo, a *verdade* – algo incompreensível para o pensamento estóico.

Afinal, o que é a *verdade*?!

Os mosteiros medievais, mesmo mergulhados numa literatura ainda primitiva, tratariam de aprofundar a barreira entre *essência* e *percepção*, *forma* e *conteúdo*.

E é esse universo lógico binário que caracterizará boa parte do Renascimento, servindo como imaginária ponte para o mundo Clássico. E aqui surge Gutenberg, intensificando fortemente o efeito do alfabeto fonético.

É esse conflito que Goethe nos apresentaria, genialmente, alguns séculos depois. Um conflito especialmente claro quando Mefistófeles responde a Fausto, quando este pergunta qual é o seu *nome*: «A questão me parece de pouca categoria para alguém que, desprezando toda a *aparência*, busca a *essência* mergulhando nas profundezas».

Quando tratamos de questões *estéticas*, o fazemos enquanto *essência* ou enquanto *aparência*?

Trata-se de um universo *diacrónico* ou *sincrónico*?

Olho ou ouvido?

A palavra *estética* surge da raiz grega *aisth*, que significa a ideia de *percepção*. Curiosamente, essa raiz estaria relacionada ao latim *audire*, que significa *ouvir, compreender*.

A arte no século XX, e principalmente depois da Segunda Grande Guerra, tratou com profundidade essa antiga questão. Os nomes são os mesmos, porque estão próximos de nós. Joseph Beuys, John Cage, Merce Cunningham, para lembrar apenas três.

Mas, há outros personagens que participam desse turbilhão de ideias. Personagens que, tantas vezes, representam a verdadeira base para os actores principais. Gente que faz arte por outros meios, pelas mãos dos artistas.

Até hoje, em nossas universidades, visamos os personagens primeiros, nomeamos aqueles que foram capazes de designar um *ponto de fuga* de uma época, criamos o imaginário de um mundo de heróis.

Mas, como se resgatássemos a questão da *essência* e da *aparência*, o nosso mundo, hoje, revela-nos uma natureza para a qual tudo está interligado. Um verdadeiro artista não é mais, exclusivamente, aquele que estabelece um ou mais elementos de mutação ao nível metalinguístico, mas é, também, o que participa nesse acto – pois a *inteligência*, enquanto conceito, deixou de ser privilégio de um único indivíduo.

Freud defendia que a cultura era um eficiente instrumento de defesa contra os desígnios da Natureza. Não fosse assim, não haveria crime.

Por essa via, aquilo que entendemos como *arte* se revela, na sua raiz, uma permanente crítica à cultura, sem o que viveríamos presos em um conjunto de leis e regras imutáveis.

A outra das ideias misteriosas, *ideia chave*, para a decifração do enigma - como se tratássemos de uma investigação policial – é a palavra *cor*.

Cor surge da raiz latina *col* – que significa a ideia de *cobrir*, de *esconder*. Daí, também, as palavras *oculto*, *celar* – no sentido de *fechar* – e também *célula*.

Pois a *cor*, enquanto fenómeno, revela a sua própria ocultação enquanto conceito.

Tratar-se-á de *aparência* ou de *essência*?

Nesse elemento de natureza complexa, dinâmica, reside muito da discussão em torno da estética dos últimos mil anos.